

Novas articulações cidade – urbano – região – mercado

New articulations city - urban - region - market

Edilson PEREIRA JÚNIOR

Doutorando em Geografia da Univ Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente.
Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE
Bolsista FUNCAP.
edilsonapjr@hotmail.com

A composição de uma geografia inteiramente nova, marcada por uma mundialização da produção e do consumo, é a maior expressão das mudanças recentes verificadas nos últimos anos. São transformações que se dão a partir da construção e reconstrução permanente do espaço geográfico com conteúdos crescentes de ciência, tecnologia e informação, que são as bases materiais de toda a vida social e econômica do presente. Podemos imaginar que a procura por uma *unicidade técnica* (SANTOS, 1999) se dá como uma manifestação hegemônica globalitária interessada em construir racionalidades espaciais que beneficiem os investimentos de grande monta, encabeçados por mercados financeiros, responsáveis por estabelecerem redes de conexão entre as regiões e as cidades na economia-mundo.

Impelidos por esta dinâmica, regiões ou cidades que ainda não se enquadram completamente dentro de tais exigências começam a receber um estímulo especial para fazê-lo, da mesma forma como outras assumem uma posição marginal frente aos processos de mundialização e reestruturação econômica. Esta operação, é sempre bom lembrar, só se completa quando estende suas ações à uma nova projeção urbana, situação que impõem aos lugares uma verdadeira reorganização de seus valores. A produção desta nota é uma tentativa de ler importantes transformações vigentes na economia-mundo no contexto das relações entre cidade e mercado; urbano e região, considerando o processo de reestruturação que atinge a urbanização da sociedade.

Os serviços financeiros e, de maneira geral, os sistemas e os serviços empresariais avançados são instrumentos de ampla reestruturação organizacional da economia, de modo que as diferentes funções das cidades (controle, articulação etc.) que assumem importante papel nas hierarquias

urbanas globais também mostram predisposição para atividades financeiras e especulativas. Atraem grandes interesses devido a seu potencial de redefinir a produção imobiliária existente e de desenvolver novos serviços com vastos horizontes de mercado. São cidades que se destacam por uma dupla dinamização econômica, seja como cristalização de amplos empreendimentos urbanos, seja como alvo de investimento especulativo nos centros financeiros (CORBRIDGE e THRIFT, 1994; FIX, 2007; LOGAN, 1993).

Alguns autores lembram também como esse conjunto de mudanças modifica a organização recente dos espaços de assentamento, quando a taxa mais rápida de crescimento das áreas afastadas das cidades vem sendo um traço das regiões urbanizadas, alcançando inclusive áreas fora das metrópoles (SOJA, 2000; GOTTDIENER, 1997 e ASCHER, 1995). Gottdiener (1997, p. 14), inclusive, afirma que pela “*primeira vez na história, as regiões externas adjacentes às áreas urbanas constituem os receptáculos de migração às custas do centro da cidade, invertendo assim o processo, há muito existente, da implosão urbana*”.

Na maioria das grandes cidades, ocorre um duplo processo: enquanto a *gentrification* revaloriza áreas centrais, atraindo população de alto *status* e segregando população de baixa renda para a periferia, o ambiente construído cresce sobremaneira, incorporando áreas periféricas e alargando a mancha urbana, integrando no sistema de funcionamento cotidiano, cidades adjacentes, tornando as metrópoles, paradoxalmente, mais diluídas e mais compactas; mais integradas e mais descontínuas.

Para François Ascher (1995), nos países centrais do capitalismo cada vez mais as pessoas residem em cidades ou núcleos distantes, se deslocando para as metrópoles com mais frequência. Com isso, forma-se uma nova categoria de migrantes pendulares, os *navetteurs* (do tipo *commuters*), que moram fora das “*bacias de habitat e de emprego*” e utilizam transportes coletivos rápidos – trens e aviões que proporcionam um *efeito túnel*. Este é o típico crescimento metropolitano que foge à estrutura concêntrica, assumindo um modelo *metastásico*, em função, sobretudo, do aparecimento de elementos de natureza metropolitana em territórios não contíguos. É um conjunto de

espaços mono ou polinucleados; polarizados; fragmentados; densos ou difusos; integrados no funcionamento quotidiano de uma metrópole¹.

Ao citar Roberto Camagni, *Precedo Ledo* (s/d), afirma que essa dispersão das funções urbanas sobre o território em áreas segregadas e especializadas gerou uma fragmentação do mercado de trabalho e uma segregação associada a uma dissociação crescente entre o lugar da residência e o lugar de trabalho. Tudo isso vem resultando na formação de cidades com limites incertos e um tecido urbano descontínuo, onde o padrão disperso, o uso contínuo do automóvel particular e as rendas individuais incorrem numa articulação de fluxos sem precedentes, alterando a clássica relação campo-cidade e implementando um modelo sócio-econômico materializado na forma de segregação espacial.

Na verdade o avanço nos sistemas de circulação e transporte e o caráter informacional da nova lógica econômica global representam certa superação da rigidez produtiva e das extensões espaciais, dois obstáculos dos mais restritivos à escala de expansão dos investimentos e da mobilidade de um conjunto cada vez maior de pessoas. O arranjo das empresas em rede no contexto da hierarquização urbana mundial se coloca como uma representação clara de aplicabilidade das novas tecnologias à mudança na organização produtiva e seus efeitos sobre a articulação urbano regional, assim como os deslocamentos de pessoas, vêm sendo também dos mais significativos.

Toda a flexibilização surgida a partir dos novos modelos concede outra racionalidade ao uso dos investimentos, alojando-os onde as melhores condições de mercado apontam. Investe-se muito ou pouco, com uma força de trabalho mais ou menos especializada, mas, sobretudo, aqui ou em qualquer outra cidade inserida no circuito de acumulação ampliada global, pois os interesses econômicos e as inovações da tecnologia e dos transportes permitem a simultaneidade desta lógica. O roteiro seguido por Mariana Fix (2007) para explicar como a internacionalização, a financeirização e a especulação aparecem no processo de circulação do capital imobiliário e na paisagem da cidade de São Paulo é sintomático desta nova relação economia global/ cidade/ mercado/ dinâmica urbana.

Como muito bem afirma Tabb (1990), demonstrado entre outros pela própria Fix (2007) e por Logan (1993), o conceito-síntese de cidade mundial, está intimamente vinculado ao domínio das finanças e da tecnologia das comunicações, que encurtam drasticamente o tempo de rotação do capital investido especulativamente. Desse modo, os novos papéis dos agentes econômicos dão mais liberdade aos sistemas financeiros, que passam a influenciar de qualquer forma e num alto grau de complexidade os espaços no mundo, e as cidades são o lócus da realização dessa mais valia tornada global. Como resultado, acompanhamos a maior liberalização e integração dos mercados num plano de integração ao capital, representado pela seleção/exclusão de territórios convenientes à reprodução ampliada das rentabilidades.

Na verdade, trata-se de uma conexão e desconexão forçada dos territórios, vinculadas às obediências aos valores hegemônicos, demonstrando como o poder de atuação dos oligopólios se fecha como estratégia de controle e homogeneização da ação financeira, impedindo a entrada de novos concorrentes e marginalizando economias no resto do mundo.

Resta a um conjunto cada vez maior de pessoas, e não só a elas, mas também às cidades e às regiões, se inserirem numa lógica de instabilidade onde ora participam do circuito de valorização econômica, ora não mais são úteis às estratégias das corporações e do capital portador de juros. Para Ledo (s/d), é um processo de urbanização predatório que amplia diferenças econômicas entre certas zonas urbanas e rurais, acumulam maiores bolsões de pobreza nos grandes centros urbanos e generaliza, sobretudo em cidades ditas subdesenvolvidas, problemas de saúde pública, marginalidade, desemprego, carências de serviços, entre outros.

Tudo isso repercute diretamente na dinâmica interna das cidades, engendrando importantes mudanças na organização socioespacial urbana. Na medida em que expressa crescimento econômico e redistribui uma gama de atividades, o processo redefine o consumo do território remetendo ao espaço urbano novas formas e dimensões. De um lado, materializam-se suntuosos eixos de prosperidade imobiliária capitalista, a destacar zonas de forte

centralidade financeiro-empresarial e espaços de assentamento de alto status; de outro, malgrado aos avanços sofridos pela economia, cria-se uma significativa pressão migratória responsável por transformações importantes no quadro socioespacial, pois, mais do que antes, essas cidades e seus anéis periféricos se caracterizam pela grande capacidade de atrair e concentrar uma população de baixa renda.

Assim, a demanda por terra urbanizada cresce, remetendo ao antigo ordenamento metropolitano mudanças estruturais, as quais podem ser observadas pelo extravasamento dos limites urbanos tradicionais, pela elevação do custo do solo nas áreas beneficiadas com serviços públicos, pelo caráter seletivo do Estado na aplicação de reformas urbanas e pelo parcelamento mais intenso dos terrenos nas cidades. Desse processo decorre uma série de questões referentes à repartição dos direitos e dos custos sociais urbanos, em que se vê a multiplicação de carências dentre as quais poderiam ser destacadas a baixa qualidade da habitação, o desemprego, a insegurança urbana, entre outros.

O processo acaba revelando uma expansão do sistema econômico em prejuízo da consolidação de uma urbanização mais justa e socialmente eqüitativa. Demonstra uma tendência à concentração de poder e renda e confirma que o avanço do mercado em níveis desmesurados, mesmo com grande crescimento econômico, não se mostra eficiente na superação dos grandes problemas humanitários modernos.

O novo arranjo de desigualdades certamente conduzirá a uma descoberta coletiva de problemas e perspectivas, mesmo que o processo muitas vezes seja conduzido de forma fragmentada e de início represente apenas um quadro de carências específicas. Todo esse conjunto de reestruturação espacial urbana, na verdade, permite detectar que no bojo da instalação dos valores modernos erigem-se as contradições que determinam uma vida social modificada. O território, então, passa a ser apreendido de diferentes formas sendo transformado cada vez mais num instrumento. Ele é fragmentado, especializado e por fim, consumido através de premissas fundamentadas nas relações estabelecidas pelos mercados capitalistas.

Todavia, é nesse mesmo território que está depositado toda a esperança de transformação qualitativa da sociedade, transformação erigida pelo próprio meio social e aparelhada no sentido de detonar avanços políticos substanciais em direção à democratização.

Referências

- ASCHER, François. **Metápolis:** ou l'avenir des Villes. Paris: Éditions Odile Jacob, 1995.
- CORBRIDGE, Stuart e THRIFT, Nigel. Money, power and space: Introduction and overview. In: CORBRIDGE, S, MARTIN, R. and THRIFT, N. (ed.) **Money power and space**. Oxford: Blackwell, 1994. pp. 1 – 25.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1997.
- LOGAN, John. Cycles and trends in the globalization of real state. In: KNOX, Paul L. (ed.) **The restless urban landscape**. New Jersey: Prentice Hall, 1993. pp. 35 – 54.
- FIX, Mariana. **São Paulo cidade global**. Fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PRECEDO LEDO, Andrés. **Nuevas realidades territoriales para el siglo XXI**. Madrid: Síntesis, s/d.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- SOJA, Edward W.. **Postmetropolis: critical studies of cities and regions**, Los Angeles, Blackwell Publishing, 2000.
- _____. Algunas consideraciones sobre el concepto de ciudades-región globales. In: **CADERNOS IPPUR**. Rio de Janeiro. Ano XX, n. 2, 2006, pp. 9-43.
- TAAB, William K. As cidades mundiais e a problemática urbana: os casos de Nova York e Tóquio. In: VALADARES, Licia e PRETECEILLE, Edmond. **Reestruturação urbana: tendências e desafios**. São Paulo: Nobel/IUPERJ, 1990.

Notas

¹ François Ascher (1995) prefere chamar esse conjunto de espaços integrados de *Metápoles*, isto é, espaços urbanizados cada vez mais vastos, heterogêneos e descontínuos, onde a cidade e a região se articulam intensamente em função dos meios de transporte e de comunicação.

Recebido: 16/10/2009

Aceito: 09/11/2009